

MODOS DE MEMORAR NA POESIA DE ERNESTO PENAFORT

Hervelyn Tatyane dos Santos Ferreira (UFAM)
Professora. Dra Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)

RESUMO:

Este artigo trata da imagem poética da memória em dois livros de Ernesto Penafort, *Azul Geral* e *A Medida do Azul*, empregando como base teórica as ideias de Afrânio Coutinho e de Arnold Hauser sobre memória, o conceito de imagem formulado por Alfredo Bosi e por Octávio Paz, bem como a simbologia da cor azul para Jean Chevalier. Faz-se, ainda, a comparação entre a imagem artística do azul em duas pinturas de Pablo Picasso e a obra do poeta amazonense, além de breve apresentação de sua fortuna crítica.

Palavras-chave: Poesia no Amazonas, *Azul Geral*, *A Medida do Azul*, Ernesto Penafort

ABSTRACT:

This article deals with the poetic image on memory in two books of Ernesto Penafort, *Azul Geral* and the *A Medida do Azul*, using as basis the ideas of theoretical Afrânio Coutinho and Arnold Hauser on memory, image concept formulated by Alfredo Bosi and Octavio Paz, as well as the symbolism of the color blue for Jean Chevalier. It makes, yet, the comparison between the artistic image of blue on two paintings by Pablo Picasso and the work of the Amazon poet, plus brief presentation of its critical fortune.

Keywords: poetry in the Amazon; *Azul Geral*; *A Medida do Azul*; Ernesto Penafort

Ernesto Penafort possui consistente fortuna crítica, mostrando a importância de sua obra no cenário da literatura publicada no Amazonas. Dentre os ensaístas que comentaram a obra de Penafort, destaca-se Anthístenes Pinto (1973, p.78), para quem o poeta não conseguiu quebrar todas as amarras tradicionais da poesia. A forma do soneto é uma delas, mas, ao usar o decassílabo, Penafort o faz com tamanha cautela e requinte, a despeito da sobrecarga emotiva, que convence de que a forma poética tradicional, quando bem aplicada por um autêntico poeta, chega a ser intemporal, desde que a linguagem e o enfoque acompanhem o processo do tempo sobre o homem e o mundo. Afirma também que *Azul Geral* é para ser lido, relido e meditado, pois Penafort é desses que se interiorizam longamente, afastando-se das explosões verbais, tão ao gosto de muitos poetas, demonstrando que Ernesto trabalha às vezes durante meses em um

poema, até que este tome corpo definitivo. O título do livro, segundo Anthístenes, se encaixa perfeitamente na obra, pois esta é impregnada de azul, símbolo de tranquilidade e esperança, de paz e compreensão entre os homens que viviam em permanente belicismo.

Outro ensaísta, Farias de Carvalho (1973, p.75), escreve que redescobriu o paladar azul em meio às dificuldades amargas da vida, caracterizada pelo materialismo brutal e agressivo e pela ambição. Não imaginava reencontrar jamais o paladar magnífico do azul. Agradece pelo maravilhoso, sublime, divino banho de azul que teve ao lavar o próprio espírito, que o purificou e o tornou tão leve como as poesias de *Azul Geral*. Farias considera Ernesto Penafort o sacerdote do azul, presbítero da claridade, apóstolo da luz, ministro celebrante dos sagrados mistérios da poesia e vê no azul dos poemas olhos imateriais urdidos em pura luz que trazem para fora a alma das coisas para oferecer aos olhos comuns dos mortais a dimensão verdadeira.

Acrescentando novos dados à fortuna crítica de Penafort, o poeta e crítico literário Luiz Ruas (1982, p.21, prefácio) escreve que a poesia de Ernesto é essencialmente lírica e, ao mesmo tempo, consegue entrar nas fronteiras do metafísico, de certa forma, do misticismo, pois toda verdadeira poesia faz fronteira com o misticismo pela razão de que ambos, o poeta e o místico, são contemplativos por excelência com a única diferença que contemplação é o termo final da ação deste último, enquanto que, para Penafort, a contemplação é um estágio da sua ação que se finaliza na obra poética. Ruas divide as poesias de Ernesto Penafort em dois aspectos: impressionista e fugaz. Depois, afirma que a sociedade precisa do azul. “Azul de amor-ternura, de amor-romantismo, de amor-lirismo, do amor azul... azul...azul. Neste avermelhado fim de século é preciso encontrar a inocência do azul.” (RUAS, 1982, p.21).

Por fim, o cronista e crítico Arthur Engrácio (1982, contracapa) revela que o poeta Ernesto Penafort não gosta de aparecer em público, em letra e forma, por isso sua produção é pequena. Os trabalhos que entregou aos leitores são produtos de dez ou quinze anos de atividade poética e neles pode-se perceber sua alta visão do mundo, sua técnica amadurecida e perfeitamente identificada com a dos poetas maiores, aqueles que logram permanência no tempo, em razão da autenticidade das suas obras.

O motivo desta proposta de pesquisa decorre de meu interesse em aprofundar a prática de análise de poesia, e, juntamente com isso, a poesia do autor amazonense Ernesto Penafort tem se mostrado como um desafio para essa atividade. Azul é a marca

que define a obra de Ernesto Penafort, obra que traz profunda carga subjetiva. O autor se reconhece nesta cor e faz com que o leitor se reconheça também. Sua poesia leva a um caminho de busca ao sentido interior da vida, leva a refletir sobre a aparência dos objetos, sugere que a verdade não é o que se compreende prontamente, convida a ir além da aparência e observar as profundezas e induz a um questionamento sobre a realidade.

Este artigo propicia o prazer de investigar as imagens poéticas da sombra, vento, água, tempo etc que dividem espaço com o azul do infinito, sugerindo serem esses os pontos entre o real e o imaginário, que propiciam o afastamento do sujeito do poema do mundo cinzento, marca acentuada com a chegada da tecnologia, vermelho com o agravamento da violência ou até mesmo amarelo, pelo excesso de materialismo. Em contrapartida a isso, o azul do céu representando o todo, a imensidão, pode trazer a felicidade, paz e pureza, azul que pode significar o desapego aos valores da terra, a claridade que ilumina a falta do conhecimento e que traz á tona verdades.

Este artigo resultou da investigação realizada no Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC no ano de 2012, executada na Universidade federal do Amazonas, em a discente pesquisadora trabalhou como voluntária, e está vinculada à linha de pesquisa intitulada Poesia em Língua Portuguesa do Grupo de Estudos em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP, da Universidade Federal do Amazonas.

Os poemas de Penafort apresentam a memória da beleza do que acontece em um instante, conforme se lê abaixo:

MOMENTO NA PRAÇA

é o ar fulvo da tarde
que determina
este êxtase momentâneo
enquanto rubra lembrança
fere mais fundo o coração
(praça arena de tudo.
lembrança rubra.
ar da tarde.)
tudo se conjuga
para
tentar curar-se
de imperecíveis cicatrizes,
inapagáveis,
enquanto houver memória
(PENAFORT, 1982, p.35).

No poema acima, o poeta descreve o efeito que um objeto causa, preocupa-se com a sensação e a emoção que este desperta em um determinado momento, as sensações são mais importantes que o próprio objeto, pois aponta o mundo através dos olhos de um indivíduo que o capta pela percepção sensorial – pelo “ar fulvo da tarde” e na “praça, arena de tudo”. As imagens são vagas, mas complexas, concentradas em um realismo objetivo. São o ar morno da e na praça que despertam a memória do poeta de um acontecimento: “rubra lembrança” que “fere mais fundo o coração” e o faz reviver “imperecíveis cicatrizes, inapagáveis”. Essa ideia relaciona-se com o conceito de memória dado por Afrânio Coutinho de que esta:

É toda a experiência da realidade que se modifica, pois através do fluir do tempo e da soma dos diversos momentos de nossa mutável realidade existencial é que logramos a integração de nossa vida espiritual. O presente é o resultado do passado, daí a necessidade de recordar, reviver, ressuscitar o passado perdido. (1986, p. 326).

Complementa-se essa ideia com a de Arnold Hauser de que a memória

constrói seu sistema particular a partir dos dados dos sentidos; portanto, remonta ao mecanismo psíquico inconsciente e fornece-nos, em certa medida, a matéria-prima da experiência, a qual está ainda mais distante de nossa concepção usual de realidade do que as impressões logicamente organizadas dos sentidos. (2000, p. 899).

Para concluir a análise do poema acima, a imagem de um acontecimento guardado na memória não se apresenta diretamente, mas é sentida e vista por uma testemunha ocular, a linguagem possui impressões fugidias, e a composição da atmosfera salienta apenas os detalhes relevantes ao efeito do tato – ar morno – e da vista – praça. Ao mesmo tempo, o fato rememorado gera cicatrizes que não parecem nem se apagam. Relacionando as percepções, o sujeito resgata um instante que foi positivo, inesquecível para ele.

As imagens do poema não mostram a cor azul, predominante nos dois livros objeto dessa investigação, mas sim tonalidades que dão a conotação de calor – fulvo e rubra – que aparece no círculo cromático como a combinação do azul com o vermelho, predominando esta última. Isso sugere que a memória do sujeito suprime as etapas do acontecimento e se concentra em um momento de profunda emoção.

No poema seguinte, as imagens do instante se apresentam de modo parecido em alguns aspectos, e diferente, em outros.

AS FLORES DO AZUL

plena manhã de julho.
o teu corpo transparente
é como brisa salgada
- essa que vem do mar.
clara manhã de julho.
qualquer olhar se perde
nas entranhas de teu corpo
(labirinto ou descaminho?)
- ténue ou vento morno.
plena manhã de julho.
o olhar fulvo do poeta
percebe um denso mistério,
descobre uma estrela azul,
reconforta-se contigo,
pois tua epiderme é o mundo
trazendo as flores do azul
no dorso do vento sul.
(PENAFORT, 1982, p.34).

O poeta afirma existir um corpo transparente, e uma brisa (vento) salgada, como se esta fosse palpável, a realidade poética da imagem não pode expressar a verdade, pois o poema não diz o que é, mas o que poderia ser. As imagens do poeta têm sentido em diversos níveis: possuem autenticidade, pois é sua expressão de visão do mundo, constituem uma realidade objetiva válida por si mesma. Têm sua própria lógica, recolhem e exaltam os valores das páginas. O poeta situa o tempo em uma manhã de julho, sugerindo um dia que começa cheio de calor, como acontece nesse mês nas cidades próximas à linha do Equador. A essa imagem tátil junta-se outra visual, a do corpo transparente, sugerindo que a pele da pessoa amada é clara e/ou que é jovem, pura. Juntam-se a essas duas imagens outras duas, a primeira novamente tátil e a segunda gustativa – “brisa do mar”. Mais uma vez reinicia a sequência de imagens: o “olhar denso do poeta” (percepção visual); a epiderme da pessoa amada (percepção tátil); flores do azul (percepção visual); e dorso do vento sul (duas percepções táteis). Esse jogo de sinestésias, no poema acima, sugere que o calor e a pessoa amada despertam o prazer expresso em uma linguagem poética que mistura, duplica e multiplica as sensações.

Alfredo Bosi, em *O Ser e o Tempo da Poesia*, diz que a imagem pode ser absorvida e depois pode ser apresentada através da memória ou sonho, sonho no sentido de devaneio, este devaneio torna-se a janela que se abre para a imaginação. Em *As*

Flores do Azul, a imaginação apresenta-se como devaneio, sugerindo que tais flores são as sensações prazerosas do sujeito do poema.

A imagem da cor azul constitui-se em um recurso poético desse poema. Para entender esse recurso na obra de Penafort, remete-se ao estudo do tropos imagem, de acordo com a concepção de Octavio Paz. Ele declara que a imagem corresponde ao vulto, representação, figura real ou irreal que se evoca ou se produz com a imaginação. A imagem possui carga psicológica, pois é produto subjetivo que se submete à pluralidade de percepções. Assim, a imagem do azul das flores, no poema acima, remetem à intensidade dos sentidos, todos aguçados, que potencializam o prazer do sujeito. Assim, a cor azul sugere forte conotação erótica, sugere um relacionamento carnal tão intenso que alcança a espiritualidade.

Para reiterar a relação entre os estados de alma da cor azul, analisam-se os seguintes poemas: *Soneto* e *Soneto do Olhar Azul* do livro *Azul Geral*, e *A Medida do Azul*, do livro homônimo.

Assim como Ernesto Penafort, outros grandes artistas refugiaram-se na imensidão do azul. O pintor Pablo Picasso desenvolveu uma fase denominada de O Período Azul, tratando dos temas de abandono, solidão e morte. Um dos quadros mais famosos desta época é o *Autorretrato*, pintura em que Picasso retratou a si mesmo com um grande casaco, contra um fundo neutro azulado, seu rosto com barba, um semblante pálido, magro, apenas os lábios rosados, indicam um traço de vitalidade. Esse autorretrato marca formalmente a entrada do pintor na fase azul, que vai de 1901 até 1904, conforme se vê na cópia da tela abaixo:



Fig. 1: *Autorretrato* de Picasso, 1901, Museu Picasso, Paris (França).

Pintado no final de 1901, este azul representa toda a tristeza e dor, após o suicídio de seu amigo Casagemas. Se os personagens anteriores pareciam refletir sobre seu futuro e esperança, incertos no caminho ao qual deveriam seguir, em *Autorretrato* Pablo sai dessa fase introspectiva e define sua mudança, assumindo o azul. A única parte visível do corpo de Picasso é a cabeça, no rosto observam-se traços azulados, assemelha-se a uma pessoa comum, olhar fixo, intenso, triste, expresso pela cor azul.

Outra obra qualificada como pertencente ao Período Azul é a tela *A Vida*, que traz a imagem de um jovem casal seminudo e da mãe vestida, tendo no colo um bebê que parece estar dormindo. No meio deles há dois quadros, no superior há a imagem de um casal abraçando-se e no inferior, uma mulher sozinha de cócoras. A tela possui função metalinguística, o quadro dentro do quadro.

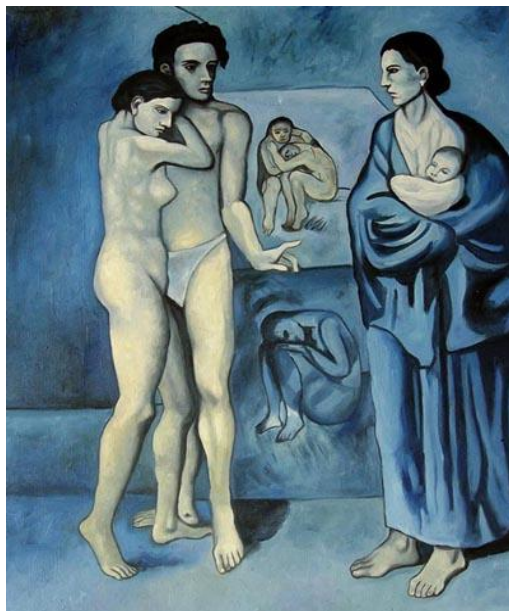


Fig. 2: *A Vida*, Picasso, 1903, The Cleveland Museum of Art, Cleveland (EUA).

Picasso substitui seu rosto pelo de Casagemas, isso pode indicar um grau de identificação com o amigo, assim como o abalo pela morte do mesmo. Da mesma forma que a poesia, a pintura permite imaginar uma cena, cria uma história. A pintura de Pablo se despede da narrativa convencional e leva o espectador a um exercício de abstração. Quadro repleto de simbolismos provocados pelo azul, sugerindo o amor sagrado e o amor profano, ao mesmo tempo em que demonstra desamparo, solidão e isolamento.

Assim como Picasso, Penafort banhava-se no azul para explorar a temática da morte, de acordo com o que se lê no poema abaixo transcrito:

SONETO
enquanto a lua for calada e branca

eu serei sempre o mesmo, este esquisito,
este invisível vulto, apenas visto
quando o vento, de leve, açoita as folhas.
enquanto a lua for calada e branca
eu serei sempre o mesmo, apenas visto
quando um raio de sol morre na lágrima
que se despede de uma folha verde.
eu serei sempre assim, apenas sombra,
apenas visto quando a voz de um gesto
colher no bosque alguma folha azul
voar a garça (o meu adeus ao mundo?),
enquanto a lua for calada e branca.
(PENAFORT, 2005, p. 33)

As imagens do poema trazem um tom sombrio, lua, esquisito, vulto, lágrima. O poeta fala a respeito da própria morte, que não seria o fim, mas um começo, uma passagem para um lugar idealizado, já que aqui neste mundo ele é invisível. Assim como Picasso, que se conhece e reconhece a morte do amigo por meio da cor azul, Ernesto também mostra a consciência de que o azul é o seu refúgio, na medida em que se vê e se identifica nesta cor, pela qual passa a ser notado: quando for colhido como alguma flor azul, quando puder voar com a garça. As metáforas sugerem a morte e ao mesmo tempo a liberdade deste mundo real rumo ao lugar indefinido.

Embora o poema acima transcrito tenha sido intitulado soneto, ele apresenta-se com apenas 13 versos e com o esquema de rima irregular: abbx,abax,cde,ca?. Também não possui a forma tradicional do soneto inglês, que se constituía por uma única estrofe com 14 versos decassílabos com esquema de rima regular assim distribuído: abba,cdcd,efef,gg. A falta de um verso e o esquema de rima diferente do esquema do soneto clássico sugerem que o poeta sente-se incompleto ou que a vida sem a morte é incompleta.

Para Octávio Paz, não há como se desvencilhar da morte, pois esta é inseparável, está em nós, habita dentro do ser, viver torna-se também morrer, pois é algo incluso na vida, não é alheio, não é externo. A morte não é uma tragédia, não é uma falta, mas um complemento da vida humana. A poesia parte da situação humana original, seja a perturbação pelo caos da morte, seja pelo conforto que ela pode despertar.

Embora ambos os artistas estejam envoltos por uma morte azul, na pintura de Picasso, porém, a morte é apresentada de forma dolorosa, enquanto no poema de Penafort, a morte assemelha-se a um refúgio, o poeta sabe que viver é enfrentar a morte e que esta, apesar de trazer o vazio, dá oportunidade para que esse espaço seja preenchido.

Para Ernesto somente o azul pode revelar o que está envolto pela escuridão, como se pode observar no poema a seguir, do livro *Azul Geral*:

SONETO DO OLHAR AZUL

de azul, azul demais é a luz dos olhos
que espiam em constante claridade
o escorrer, como um rio, uma cidade
com seus becos e sombras - vão mistérios.
estranhamente azul é a luz dos olhos
que se alçam como pássaros - aéreos
de azul e luz - suspensos de saudade;
e de onde escapa um rio (o rio outro)
cujo leito é de sal e de agonia,
por sobre cujas águas não flutua,
embora em desespero, a luz do dia.
é noturno esse olhar? Quem sabe a imagem
daquilo que entre gritos se anuncia
e em silêncio acontece - e se faz lua.
(PENAFORT, 1985, p. 33)

De acordo com o poema, um olhar escuro pouco revela, mas de que olhar o eu lírico trata? O poeta escreve que o azul é luz e somente através desta cor pode-se obter conhecimento; o caminho para este se dá por meio da visão, não há possibilidade de entender o azul sem olhar o azul e sem olhar de modo azul. Olhar azul é deixar de observar o superficial e apenas aquilo que se mostra, é ir além. Esta visão azul consiste na compreensão do que está oculto. De acordo com o Dicionário de símbolos, “a luz é o conhecimento. “A luz sucede às trevas (*Post tenebras lux*), tanto na ordem da manifestação”. (CHEVALIER, 1906, p. 568).

O poeta compara o olhar noturno ao rio horizontal, que passa, apenas percorre, sem surpresas, é leito de sal e de agonia, pois na superfície deste rio não se demonstra os segredos de suas profundezas.

O azul simboliza o paradoxo do silêncio e dos gritos que precisam ser captados para alguém se salvar. Octávio Paz afirma que a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Em *O Arco e a Lira* há a ideia de que a poesia revela conhecimento e cria outros. Essa ideia apresenta-se na obra de Ernesto, em seus dois livros estudados nesta pesquisa, o poeta criou mundos no qual a cor azul representa um refúgio. Os pássaros, símbolos de liberdade e felicidade, voam por sobre o céu azul.

O poema acima apresenta-se na forma de um soneto inglês, possui 14 versos decassílabos em uma única estrofe, embora dele se diferencie porque possui rimas emparelhadas, outras misturadas e rima perdida, dispendo-se do seguinte modo:

abbc,acba,dedf,de. O fato de esse poema não seguir a forma canônica do soneto, embora receba o título de soneto, sugere que o conhecimento ora se oferece sem dificuldades, ora de modo parcial e outras vezes não se realiza, permanecendo o mistério, dependendo do modo como se olha para as coisas.

A *Medida do Azul* nomeia a segunda obra do poeta a que se dedica esta pesquisa, após o azul geral, nome que intitula o primeiro livro e que foi a tentativa de espalhar o azul pelo mundo terreno, descobrir a medida do azul é perceber com rapidez as coisas mais sutis, é não limitar-se a enxergar o horizonte, ir mais além. O azul é o caminho e o início do que não tem fim. O poema a seguir, com título homônimo ao do livro trata dessa questão:

A MEDIDA DO AZUL

a medida do azul é o estender-se
do olhar por sobre os seres. Esse arguto
perceber que se tem de não mover-se
o objeto - já por ser absoluto.
a medida do azul é ver um luto
contido em toda flor e abster-se,
cada qual de assumir seu tom enxuto
e noutro que o não seu absorver-se.
a medida do azul, pelo contrário,
não é ver no horizonte o fim do olhar,
mas o ter desta vida aonde chegar,
pois alí tem o mundo o seu ovário:
e o retorno acontece, sempre estável,
eis que o azul é o início do infundável.
(PENAFORT, 2005, p. 27)

O poeta opõe-se à medida tradicional pensada na realidade, esta possui limitação, pode ser aferida por um instrumento em unidades de grama, metro, litro ou grau, enquanto a proposta de medida feita pelo poeta é ilimitada, vai além dos números, é imensurável, não tem fim. Por exemplo, no poema acima transcrito, juntamente com a beleza da flor que é símbolo da plenitude e da delicadeza da vida está a morte, “um luto”, que não deve ser esquecida, pois o sentido da vida está além desta e da morte, encontra-se onde o mundo tem “o seu ovário”, no lugar em que o óvulo ainda vai se formar e no lugar em que as coisas iniciam infundavelmente, no universo, cujos elementos geram, vivem e morrem, sem que o ciclo termine.

Após a discussão acima desenvolvida, entende-se que essas duas obras de Ernesto Penafort revelam os temas da memória, da completa ligação da vida e da morte, do amor carnal e do ciclo cósmico por meio das imagens relacionadas com a cor azul nas diversas tonalidades pela qual o autor enxerga o mundo e neste se reconhece,

levando o leitor, também, a reconhecer-se, a questionar a aparência dos objetos, a realidade e o que é tido como verdade.

Essa ideia consta na cultura antiga, de acordo com o que se verifica no *Dicionário de Símbolos*: os egípcios consideravam o azul a cor da verdade, como se lê a seguir:

O azul é a mais imaterial das cores: a natureza o apresenta geralmente feito apenas de transparência, i.e.; de vazio acumulado, de vazio de ar, vazio de água, vazio do cristal ou do diamante. O vazio é exato, puro e frio. O azul é a mais fria das cores e, em seu valor absoluto, a mais pura, à exceção do vazio total do branco neutro. (CHEVALIER, 1906. p 107).

Ainda em outro trecho do mesmo livro, Chevalier acrescenta: “imaterial em si mesmo, o azul desmaterializa tudo aquilo que dele se impregna. É o caminho do infinito, onde o real se transforma em imaginário.”(1906. p 107).

Concordando com esse ponto de vista, a obra de Ernesto Penafort mostra ao homem o infinito, o elo entre o real e o imaginário para, assim, ele se afastar do mundo envolto na atmosfera cinza do excesso de tecnologia, vermelha de violência e amarela de materialismo. Por isso o poeta mostra o azul do céu do desapego aos valores da terra e da valorização do ser. Olhar azul é dispensar atenção para a beleza da vida e medir o azul exige que se procure olhar além do que se vê com os cinco sentidos, perceber que o conhecimento das coisas extrapola a realidade imediata.

REFERÊNCIAS

BARROS, Lilian Ried Miller. *A cor no Processo Criativo: Um estudo sobre a Bauhaus e a Teoria de Goethe*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. 6 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARVALHO, Farias de. *Apresentação À Primeira Edição de Penafort, Ernesto. Azul Geral*. 2 ed. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ EDUA/ UNINORTE, 2005.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos: (Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números)*. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 3.ed.- Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986.

ENGRACIO, Arthur. *Contracapa* de Penafort, Ernesto. *A Medida do Azul*. . Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1982.

HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

PENAFORT, Ernesto. *A Medida do Azul*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1982.

_____. *Azul Geral*. 2 ed. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ EDUA/ UNINORTE, 2005.

PICASSO, Pablo. *Autorretrato* (1901). Museu Picasso: Paris. Disponível em www.museepicassoparis.fr. Acesso em 09/ago/2012.

_____. *A Vida* (1903). The Cleveland Museum of Art: Cleveland- EUA. www.clevelandart.org. Acesso em 14/ago/2012.

PINTO, Anthistenes. *Prefácio À Primeira Edição* de Penafort, Ernesto. *Azul Geral*. 2 ed. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ EDUA/ UNINORTE, 2005.

RUAS, Luiz. *Para Servir de Prefácio* de Penafort, Ernesto. *Azul Geral*. 2 ed. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ EDUA/ UNINORTE, 2005.